

EPICURO E A ELEUTHERÍA

Renato dos Santos Barbosa

Departamento de Filosofia – UFRN

Resumo: Nesse trabalho será abordado o tema da liberdade (*eleuthería*) assim como foi proposto pelo filósofo Epicuro em seus textos. Demonstrar-se-á que a liberdade surge como possibilidade em um mundo em que necessidade e acaso coexistem e que outorga ao homem o poder transformador da ação autárquica.

Palavras-chave: Liberdade, Acaso, Necessidade, Autarquia.

Primeiramente tentarei demonstrar através dos textos de Epicuro o significado com o qual neles é empregado o termo *eleuthería*, relacionando-o com o que Epicuro chama de “nossa vontade” sem mestre (*adespotós*) que é produzida por nós mesmos. Em seguida situarei neste contexto o conceito da *autárkeia* enquanto produzida pela liberdade e, por outro lado, produtora desta, explicando como a limitação da necessidade (*anáanke*), associada ao *logísmos* e a *autárkeia*, dá condições para que uma ação seja livre.

O significado básico para a palavra *eleuthería* se encontra na oposição entre o *eleútheros* e o *doûlos*, ou seja, entre o homem livre e o escravo, de modo que *eleuthería*, antes de tudo, é a qualidade sem a qual o homem é escravo. E é exatamente nesse sentido que Epicuro utiliza este termo na sentença vaticana 67 onde ele diz: “Uma vida livre (*eleútheros bíos*) não pode adquirir grandes riquezas, porque isso não é fácil sem se fazer servidor (*theteías*) das assembléias populares ou de monarcas...” (S.V. 67) Evidencia-se nessa sentença o sentido básico da *eleuthería* indicado acima, pois nos fala da oposição que é estabelecida entre a vida livre e a vida de servidão, uma vida livre não pode ser vivida servilmente. Ainda em outra passagem se apresenta esta oposição, porém agora o sentido dela se amplia e se aprofunda na relação entre o homem e o destino: “Seria melhor, realmente, aceitar os mitos sobre os deuses do que aceitar ser escravo (*douleúein*) do destino adotado pelos filósofos naturalistas”. (D.L. X, 134)

O destino (eimarméne) figura nessa passagem como o “senhor de tudo” (tinón despótin) que faz com que não possamos agir a partir de nós mesmos, por isso Epicuro diz que é preferível até mesmo seguir os mitos, que nos causam inúmeras perturbações, do que se tornar escravo de tal senhor, pois, pelo menos os deuses são flexíveis em sua vontade.

Novamente na sentença vaticana 77 o filósofo do jardim utiliza o termo *eleuthería*, dizendo: “O maior fruto da autárkeia: a liberdade” (S.V. 77). Segundo J. Brun a *autárkeia* é “a capacidade de bastar a si mesmo, é a capacidade de não esperar nem nos deuses nem nos homens.” (BRUN, 1989: 110) Porém, como um estado de independência que já pressupõe que haja liberdade, pode vir a ser, por sua vez, produtor dessa mesma liberdade de que depende? Afirmo que esta liberdade é a liberdade do homem que não está submetido a algum poder hierárquico humano, pois um sábio autárquico nunca se submeterá a outrem. Com esta sentença Epicuro quer dizer que a autárkeia gera a liberdade que se manifesta, e que é um fenômeno visível a todos. Ela é incompatível com a escravidão e a subserviência.

Tornar-se-á claro, após a leitura do passo 133 da carta a Meneceu, que o que nos torna independentes em relação ao destino, a necessidade e ao acaso é o fato de que coisas acontecem por nós mesmos:

“Finalmente ele (o sábio) proclama que o destino, introduzido por alguns filósofos como senhor de tudo, é uma crença vã, e afirma que algumas coisas acontecem necessariamente, outras por acaso, e que outras dependem de nós, porque para ele é evidente que a necessidade gera a irresponsabilidade (anánken anypeýthynon) e que o acaso é inconstante (týchen ástaton), e as coisas que dependem de nós (pàr hemás) são livremente escolhidas (adespotós) e são naturalmente acompanhadas de censura e louvor” (D.L. X, 133)

Portanto o que fundamenta a *autárkeia* é a possibilidade de coisas acontecerem *pàr hemás*, ou seja, fatos que ocorrem por nós segundo a liberdade de agir desprendido da necessidade. A independência presente na *autárkeia* é proveniente do *pàr hemás*, pois o sábio não age por causa daquilo que lhe acontece, mas age por si. Ele não é feito por outros, mas faz-se a si mesmo. O *par hemás* é, semelhantemente à liberdade que é fruto da *autárkeia*, sem mestre (adespotos), sem senhor, e que, diferentemente da primeira,

não está livre só de homens, mas também dos deuses, do fado e da necessidade. Assim, entendemos que há coisas que são livremente escolhidas por nós ou, como traduz M. Conche: “nossa vontade¹ é sem mestre” (adespotós).

Entretanto, o fato de não termos um senhor que nos subjogue significa que temos o poder de escolher livremente o que quisermos? Ou seja, podemos por isso ser causa de algo que acontece? Não, para isso Epicuro irá apontar para três coisas: a limitação da necessidade, o *logísmos* e a *autárkeia*. Mesmo em um mundo em que tudo acontecesse por necessidade poderia haver homens livres e escravos, porém só em um mundo em que a atuação da necessidade é restrita haverá coisas acontecendo por nós e, por sua vez, nada aconteceria por nós mesmos se não houvesse mecanismos no homem que propiciassem uma ação independente.

Antes de adentrar nas particularidades da *autárkeia* e do *logísmos* se faz necessário explicar como em um mundo em que as coisas parecem acontecer por pura necessidade (e que o próprio Epicuro admite quando diz: “nada nasce do nada” D.L. X, 38) pode abrir possibilidade para o acaso e para a liberdade². Já vimos que Epicuro põe o acaso como um modo de ocorrência de algo no mundo, porém como ele explica a coexistência de modos antagônicos de realização da natureza, tais quais necessidade e acaso? Examinemos duas passagens significantes no que toca a essa questão:

“Devemos ainda sustentar que os mundos (kósmous) não têm necessariamente (anánkes) uma forma única e idêntica”. (D.L. X, 74)

“E não se deve formar um só agregado ou um vórtice no vazio, no qual, de acordo com a opinião de alguns filósofos, o nascimento de um mundo é possível por necessidade mecânica, e também seu crescimento até colidir com outro, como afirma um dos filósofos chamados físicos. Com efeito isso contradiz os fenômenos”. (D.L. X, 90)

Nessas passagens vemos claramente que, de algum modo, aquela necessidade que observamos nos axiomas epicúrios como: “nada nasce do nada”, “tudo tem necessidade de seu próprio germe” (D.L. X, 38), não se estendem completamente por toda *phýsis*,

¹ Assim traduz M. Conche (em sua obra *Épicure: Lettres et máximes*) a expressão grega “*par’ hemás*” embora não se encontre nela nenhum termo grego que justifique a inserção da palavra “volonté”.

² Liberdade no sentido em que ela expressa o poder de escolha a partir de si mesmo.

mas há uma quebra na cadeia causal determinística que nos possibilita a ação autárquica manifestada na libertação dos senhores que irrompem no peito do próprio homem. Um desses senhores, como já disse, é o destino que é negado terminantemente pelo sábio como uma crença vã. De fato o destino é completamente negado, e pode parecer que a necessidade também o é. O que efetivamente ocorre é que enquanto o destino é negado a necessidade é limitada, pois, como vimos na citação acima, na formação dos mundos e nas possibilidades de formas desses mundos não existe necessidade, por isso M. Conche diz: “Epicuro não nega, de uma maneira geral, a necessidade, ele a limita; mas ele nega a necessidade na origem” (CONCHE, 1977: 80). Ou seja, quando se trata da formação (gênesis) dos mundos a necessidade não opera, embora os movimentos dos astros ocorram por necessidade (D.L. X, 92) e ocorram tantas outras situações que são operadas pela necessidade.

Um ponto que quero chamar atenção é que se admitíssemos como Demócrito a necessidade na formação dos mundos, Epicuro diria que estaríamos admitindo uma teoria que contradiz os fenômenos, (*machómenon esti toís fainoménois*) ou, literalmente, uma teoria que luta contra os fenômenos. Que fenômenos são esses que são contraditados? Se Epicuro estabelece no mesmo patamar o fenômeno da necessidade e o modo pela qual as coisas acontecem por nós mesmos, então ele considera que temos o poder para isso, ou seja, o poder de agir por nós mesmos, que afirmo ser um dos fenômenos que seriam contraditos se considerássemos uniforme a ação da necessidade no mundo, pois, se assim fosse, nossas ações seriam o fruto de uma causa necessária antecedente fora de nós mesmos. Entretanto, Epicuro no livro 25 do “Da natureza” nos fala acerca de sementes (*spérmata*) que temos em nós mesmos que direcionam nossas ações, pensamentos e nosso caráter³, de modo que aquele gênero de coisas que acontecem por nós, explica-se pela capacidade que temos de agir por nós mesmos, pois temos sementes que nos possibilitam pensar e agir longe da necessidade que observamos na *phýsis*.

Outra crítica àqueles que afirmam que tudo ocorre por necessidade é o fato de a mesma pessoa que julga estar correta em um debate que discute a ação plena da necessidade (*anánke*) ou não, e diz que tudo, realmente, é fruto da necessidade, se

³ Apó te tês prótes archés spérmata hemîn agogà ta mèn eis táde ta d’eis táde ta d’eis ámpho tautá estín aei kai práxeon kai dianoéseon kai diathéseon kai pleío kai eláttoi. (Da Natureza, livro 25, [A]).

responsabiliza pela correção de seu argumento, quando deveria, se seguisse a lógica de seus argumentos, colocar-se a mercê da força da necessidade e não se ocupar com a defesa da verdade, de modo que não limitar a operação da necessidade implica na indiferença no que respeita a verdade ou falsidade dos argumentos. Essa crítica também está presente na S.V 40:

“Aquele que diz que tudo acontece por necessidade não tem nada a reprovar àquele que diz que tudo não acontece por necessidade, porque diz que isso mesmo acontece por necessidade”.(S.V. 40)

O argumento da necessidade é assim criticado por ser auto-refutável, pois quem o sustenta não tem mérito por isso, embora pense ter e, por sua vez, quem o rejeita não pode ser reprovado por rejeitá-lo, uma vez que tudo acontece por necessidade. Ou seja, o próprio físico da necessidade admite haver uma liberdade no nosso ato de pensar, pois, de fato, crê que a correção do seu argumento e a falha do argumento de seu interlocutor vêm deles mesmos.

Deste modo, a negação da necessidade na origem e, portanto, sua limitação, quebra os elos da corrente causal que determinariam até mesmo nossos pensamentos e ações, privando-nos, assim, da liberdade. Tal quebra abre espaço para a ação livre, porém não é constitutiva dela, pois a negação da necessidade dá vazão ao seu oposto, a saber, o acaso (*týche*), entretanto este não propicia a liberdade, pois ele é inconstante (*ástaton*), apenas dá condições para, uma vez ausente a necessidade, agirmos livremente. Lembremo-nos aqui, que existem três modos de ocorrência na *phýsis*: necessidade, acaso e por nós (D.L. X, 133). Assim, com a necessidade restrita o acaso garante seu lugar na *phýsis*, abrindo a possibilidade para a ação livre. Porém essa possibilidade só se efetiva quando entra em cena o *logísmos* e a *autárkeia*.

O *logismós* desempenha um importante papel na ação livre. De tal modo que Epicuro, quando limita a operação da necessidade, critica claramente o fato do físico da necessidade negar a nossa capacidade de raciocinar por nós mesmos (SV 40). O movimento do raciocínio que no livro 25 do Da Natureza aparece figuradamente representado por sementes (*spérmata*), direciona as nossas ações, fazendo-nos produtores de ações por nós mesmos e não sendo coagidos por forças externas a nós. A

escolha depende inteiramente do *logísmos*, é a partir desse processo anímico que direcionamos nosso agir.

Por sua vez a *autákeia* efetiva a nossa capacidade de escolhermos entre isto e aquilo em uma ação livre. Sábios autárquicos só dependem de si mesmos, não precisam de riquezas ou fama, pois eles já conseguiram o que é mais precioso (S.V. 44). Escolhem não em vista do prazer imediato, mas agem de modo a não sofrer dores provenientes de prazeres fortuitos (D.L. X, 129), pois nas mãos dele estão as rédeas da vida. Quando possível sua ação transforma fatos casuais e que para muitos poderiam ser indiferentes em fatos que o beneficiarão futuramente. O poder autárquico transforma mal em bem, dor em prazer.

Enfim, a liberdade para Epicuro consiste no poder que o homem tem para escolher por si e na manifestação de tal poder. Epicuro não se preocupa com o fato de que nossas ações podem estar submetidas a um encadeamento causal na alma, pois o que é preciso é que o homem aja por si próprio e que responda por estas ações. Seria injusto que alguém fosse punido por algo que não foi gerado nele mesmo ou que alguém fosse elogiado por um feito que não teve origem no seu próprio caráter. Da mesma forma que se alguém sofresse uma pena em resposta a uma ação cometida ao acaso também seria uma pena injustificada. Como vimos a liberdade se apresenta de dois modos: a *eleuthería* e o *pàr hemás*. A *eleuthería* é a manifestação da capacidade de agir por si que está no interior do homem, e aparece como fruto da ação autárquica. Enquanto que o *pàr hemás* é essa capacidade interna do homem, que é sentida, e como a sensação (*aisthéseis*) é critério de verdade, logo esse modo de ocorrência garante seu lugar na *phýsis*.

Referências:

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília, UNB, 1988.

CONCHE, M. *Epicure: lettres et maximes*. Paris: éd. De Megare, 1977.

BRUN, J. *O Epicurismo*. Lisboa: 70, 1989.